

Recebido em 17/07/2019. Aceito em 27/03/2020.

## A CRIAÇÃO NA ESCRITA, NA ARTE E NA PSICANÁLISE

Marcelo Módolo, Lucas Vinicius Aragão<sup>1</sup>

O livro *Os processos de criação na escrita, na arte e na psicanálise* de Philippe Willemart (Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2009, ISBN-13: 978-8527308625) compõe uma série de textos com reflexões complexas e eruditas sobre variados domínios (literário, filológico, educacional e artístico), todos interligados fundamentalmente pelo emprego de conceitos da literatura psicanalítica lacaniana e freudiana.

Embora subdividido em três seções 1) “Escritura e crítica genética”, 2) “Conflito do sujeito e do eu” e 3) “Arte e psicanálise” com temáticas visivelmente distintas, o livro adota como premissa perpassar as formas do processo de criação nas áreas da escrita, da arte e da psicanálise, mas com um aspecto comum subjacente<sup>2</sup> a cada uma delas.

Iniciando seu ensaio<sup>3</sup> com uma discussão sobre o termo “sujeito”, prenuncia-se um elemento latente ao longo dos textos seguintes. Apesar de ser analisado com mais profundidade na segunda seção, já nos capítulos iniciais se percebem a presença e a discussão sobre o sujeito a partir dos papéis que adota ao longo do processo de criação: começa como escritor e passa a *scriptor*<sup>4</sup>. A existência e atuação de um sujeito que possibilite se manifestar nas etapas de composição de um texto são requeridas para a realização do processo de criação, conceito a ser abordado na obra de Willemart<sup>5</sup>.

1 Professor Doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq – nível 2 (processo número 308793/2019-6); modolo@usp.br

2 Willemart afirma na Introdução do seu livro: “Só depois, seguindo a indicação freudiana, revendo e relendo, dei-me conta de que havia em todos os capítulos uma linha subjacente de reflexões que podia sustentar o ensaio” (p. VIII). Considerando este dado, buscaremos elucidar essa “linha subjacente” ao longo da resenha.

3 No capítulo introdutório, Willemart nomeia seu estudo como um ensaio: “[...] O ensaio que se segue [...]” (p. VIII, grifo nosso) e “[...] o ensaio interessará especialmente [...]” (p. IX, grifo nosso). Porém, mais do que um ensaio apenas, o livro é composto por ensaios, devido à pluralidade de conteúdos trabalhados. Essa denominação é interessante, partindo do pressuposto de que, ao longo do livro, as séries de reflexões sobre diferentes temáticas produzem uma explanação do material abordado, com exemplificações e tratamento minucioso, fazendo uso de uma bibliografia psicanalítica e proustiana.

4 Segundo Passos (2011: 44): “Podemos dizer, segundo Irène Fênoglio (2007): i) o escritor é o ser que, de forma profissional ou não, assume o que a atividade de escrever produz, independente de uma publicação; ii) o autor é o escritor reconhecido no e pelo ato de publicação. É o nome, a assinatura na obra que traz reconhecimento, estatuto social; iii) o *scriptor* é o escritor no seu gesto psíquico de escritura; é quem faz as rasuras, quem rabisca, desenha.”

5 Sendo um geneticista, Willemart afirma que o objeto de estudo da *Crítica genética* é justamente o processo de criação. Em suas palavras, “[...] a crítica genética estuda o processo de criação, o que é melhor

Se atentarmos ao fato de que a *Introdução* do livro se abre com uma reflexão sobre o sujeito – em seu sentido conceitual –, podemos perceber a atenção particularizada a esse termo que será trabalhado ao longo dos capítulos. Na primeira seção, por exemplo, embora o autor estude aspectos objetivos, ao explicar a ideia de “processos de criação” e de seus conceitos derivados, pode-se ver a presença do sujeito quando apresentado como aquele a realizar tais “processos de criação” – como o escritor, na redação de seu manuscrito. Na segunda seção, momento em que mais se faz presente, o sujeito é analisado a partir de questões tangentes à sua constituição: seja pelo manuscrito e nas alterações que nele realiza; seja na escola e no estudo da relação entre professor e aluno – mas se manifestando principalmente no papel de aluno, por estar em constituição no espaço escolar; seja nos gêneros da autobiografia e da autoficção, que se baseiam na reconstrução memorialística da vida de determinado sujeito. E na terceira seção, o sujeito é apresentado em seu vínculo com a arte, ainda que se proponha a pensar a relação entre a arte e a psicanálise, apontando suas relações e aplicando noções psicanalíticas para a leitura de obras, como *Em busca do tempo perdido*, de Proust, e *Escola das mulheres*, de Molière.

Na primeira parte<sup>6</sup>, intitulada “Escritura e crítica genética”, são discutidos alguns conceitos relacionados ao processo de criação, a importância da conservação de manuscritos e uma apresentação e explanação da *Crítica genética* como ciência. Contudo, provavelmente pela multiplicidade de assuntos tratados, esses capítulos acabam por ser interessantemente inflados: às vezes, o arranjo interno dos textos dificulta uma apreensão global do assunto estudado, caminhando para um entendimento parcial.

Na segunda parte, intitulada “Conflito do Sujeito e do Eu”, Willemart retoma enfaticamente o termo “sujeito” e o estuda em um conflito com o “eu” em três dimensões: no manuscrito, na escola e no gênero autobiográfico.

Mobilizando a noção de rasura, afirma que os erros, as correções e os titubeios realizados pelo escritor de determinado manuscrito revelariam o surgimento do sujeito autoral e da construção de sua identidade:

[...] o escritor deve perder-se na escritura, perder sua identidade, a que ele acredita ter e a que lhe é reenviada por seus vizinhos, para reconstituir outra, a identidade do autor através dos seus rascunhos. Mas vejam bem, esta identidade autoral não se determina somente quando o escritor assina o manuscrito para entregá-lo ao editor. A cada rasura, a questão se recoloca; a cada rasura resolvida, o autor emerge. Há, portanto, uma construção progressiva da identidade autoral. (WILLEMART, 2009, pp. 98-99).

Tomando o capítulo destinado ao estudo do âmbito escolar – intitulado “O sujeito na escola: a formação pelo acesso a novas redes” –, o geneticista propõe um estudo das relações existentes entre pedagogia e psicanálise. Principiando com um

---

com manuscritos, mas possível também sem eles. [...] O objeto da crítica genética é, portanto, o universo sem fim da criação, artística ou não.” (pp. 57-58).

6 Para evitar a repetição de termos, usa-se o vocábulo “parte”, cuja acepção está em sinônimo ao de “seção”.

aforismo<sup>7</sup> de Jacques Lacan, a fim de que se repensem práticas pedagógicas, Willemart reflete sobre o papel do professor e do aluno no processo de ensino-aprendizagem, em que o professor deve despertar o interesse no aluno e ajudá-lo em sua imersão e constituição como sujeito, realizando um trabalho com os registros preconizados por Lacan – quais sejam: Real, Simbólico e Imaginário.

E nos capítulos que concluem esta seção, focalizados em apontamentos e críticas à autobiografia, Willemart discute a existência do “eu” nesse gênero textual e estuda o limiar do binômio autobiografia e autoficção, bem como suas nuances e características.

Especificando, em um primeiro momento, o gênero da autobiografia, no capítulo “O eu não existe: crítica da autobiografia”, o autor questiona a existência do eu, explorando traços do homem contemporâneo e da modernidade que contribuem para uma espécie de alienação do sujeito e, conseqüentemente, da autobiografia, ao pôr em debate sua sustentação<sup>8</sup>. Tal alienação se justifica através da menção e em função de elementos tecnológicos da contemporaneidade (*Internet*, celular) e de preceitos psicanalíticos, apresentando o descompasso entre o ritmo objetivo (mundano) e subjetivo (individual):

O conhecimento do corpo e do novo mundo científico, assim como nosso eu sem espaço preciso, embora desloquem nosso ser para outro lugar, não afetam fundamentalmente nossas paixões, nosso pensamento e não têm ressonância imediata sobre o eu.

Pelo contrário, Freud denunciou sua dessemelhança e o fato de que o pensamento do eu e sua dimensão inconsciente têm dificuldade de viver em harmonia. O lapso é uma prova evidente da dificuldade de viver de acordo com a lógica inconsciente que age em nós. Não somos mais senhores da situação, como acreditavam os homens antes de Freud. Algo pensa em nosso lugar. Penso onde não sou e sou onde não penso, sublinha Lacan, interpretando o axioma cartesiano. Não sou totalmente eu mesmo no mesmo instante, poder-se-ia dizer. Partes de meu ser me escapam. (WILLEMART, 2009, p. 129).

Ao analisar o gênero autobiográfico, à luz de Serres, Calligaris, Ricouer, Proust, Lacan e Sibony, Willemart acaba por chegar à existência de seis tipos de autobiografia:

1. O Calligaris 1 tenta dar um sentido aos acontecimentos que terminam no momento em que ele narra, sentido que explica seu agir e sua trajetória.
2. O Calligaris 2 descobre e narra a lógica da qual é efeito, saltando de condensações para metonímias.

7 A saber: “Os procedimentos pedagógicos são de um registro absolutamente estranho à experiência analítica” (p. 111).

8 Sendo a autobiografia um espaço de manifestação de uma subjetividade, Willemart levanta as seguintes questões para orientar sua discussão: “O conceito de autobiografia ainda se sustenta nesse contexto [de descompasso entre a progressão temporal, o avanço tecnológico e o desenvolvimento do sujeito]? Jogado de um lado para o outro, é esta a imagem adequada, ao sabor das descobertas científicas, dos espaços percorridos, de sua linguagem, de suas paixões, de seu inconsciente, sobre que bases o escritor irá narrar sua vida ou o que ele crê ser sua vida? [...] O conceito ainda tem consistência? Daí o título [do capítulo] e a pergunta inerente: o eu existe? Alguma vez existiu? Nossa identidade pessoal se mantém nesse afluxo de forças que fazem dela sua sede? Como resistir e mantê-la apesar de tudo?” (p. 130).

3. O “idem” de Ricouer traça uma linha identitária na sua história.
4. O “ipse” de Ricouer dá testemunho de sua fidelidade a uma palavra dada no transcurso dos acontecimentos vividos.
5. A autobiografia para o narrador proustiano reunirá os grandes momentos da vida reescutados e julgados a partir de seu grau de gozo.
6. A autobiografia à moda de Serres narrará os laços que fazem existir e viver. (WILLEMART, 2009, p. 142).

A discussão persiste no capítulo “A autoficção acaba com a autobiografia?”, o qual abrange a relação entre ambos os gêneros e esmiúça os limites de cada um deles. Começando sua reflexão por um excerto da segunda parte de *Em busca do tempo perdido*, o geneticista se pergunta se tal trecho pertenceria à autobiografia ou à autoficção. Ao longo do texto é recuperada a noção de *scriptor*, presente na primeira seção do livro, sendo chave para a tentativa de classificar e distinguir os dois gêneros:

Diante da nítida separação entre o escritor que deita suas primeiras palavras sobre a página ou a tela e o *scriptor* que se faz instrumento de terceiros, ainda que retome imediatamente o domínio da escritura, podemos adotar um critério genético para distinguir a autobiografia da autoficção.

O primeiro gênero ignora a instância do *scriptor* e suas consequências, a saber, o trabalho penoso dos rascunhos e a intervenção dos terceiros, que inclui a força da linguagem, enquanto o segundo gênero os considera. O primeiro condensa o escritor e o autor e esquecerá a instância do *scriptor*, enquanto o segundo o levará em conta. (WILLEMART, 2009, p. 148).

A sequência dos assuntos abordados – ou seja, do manuscrito para a escola, e, por fim, para a autobiografia e a autoficção –, gera no leitor um sentimento de confusão e disforia. Tanto a escola quanto a autobiografia constituem espaços em que se discute a constituição do sujeito, este capaz de se manifestar pela criação de algo; contudo, a disparidade entre esses campos provoca um desconforto na leitura pelo caráter quase ilógico e aleatório na disposição dos temas. Reconhece-se, no entanto, a existência de uma linha subjacente que organiza a matéria discutida e que circunscreve e insere os capítulos na seção “Conflito do sujeito e do eu”.

Na terceira parte, “Arte e psicanálise”, Willemart propõe um estudo sobre a relação existente entre esses âmbitos por ambos se basearem, em sua visão, em um objetivo comum: o desvelamento do ser humano. Assim sendo, detém-se na obra proustiana *Em busca do tempo perdido* e no teatro de Molière, apontando a importância da teoria psicanalítica para estudar o romance de Proust – e a importância do romance em si – e a questão do inconsciente na peça *Escola das mulheres*, de Molière.

Proust se faz presente largamente ao longo do livro de Willemart, adquirindo papéis significativos no decorrer do texto, atuando desde exemplo para determinada teoria – vide capítulo “A roda da escritura” – até como obra analisada – vide os capítulos “Será que ainda podemos pensar sem um romance como a *Recherche* e fora da psicanálise?”, “Por que ler Proust hoje?” e “A circunstância na construção de *Em busca do tempo perdido*”. Sua importância se revela na sua amplitude: sendo uma obra que abarca muitos aspectos e temáticas, o romance de Proust consegue

dar conta dos propósitos de Willemart para com seu livro, além de ser significativo para o público de maneira geral. Nas palavras do geneticista:

Com o herói [Swann], o leitor aprende a ler os signos da vida social, do amor e da arte, a desconfiar da vida mundana que emperra a criação com seus preconceitos, a suspeitar dos amores hétero e homossexuais, [...], e enfim, a entender a tradição da literatura, da pintura e da música para inventar novas formas. (WILLEMART, 2009, p. 191).

Ao tratar da obra de Molière, Willemart parte da noção freudiana do complexo de Édipo, explicando o mito para, posteriormente, destrinçar pontos que caracterizariam o complexo. A retomada de Freud permite a apresentação de uma leitura de *Escola das mulheres* feita pelo crítico literário francês Charles Mauron, que fez uso da noção do complexo para analisar esse texto. Willemart tece pontos sobre a leitura de Mauron após sua apresentação, reanalizando a presença do complexo de Édipo e expõe a sua leitura a partir do nome “secreto” do personagem Arnolphe: “M. de la Souche”, nome relacionado com a criação de raízes e de uma descendência, já que “souche” em francês pode ser traduzido como “estirpe, linhagem”.

O livro de Philippe Willemart possui um alto grau de abstração devido à grande complexidade do conteúdo tratado e pelo trânsito de referências que expõe ao longo de suas explicações. Citando personalidades de variadas áreas do conhecimento – desde estudiosos das ciências exatas e escritores da literatura ocidental, passando por psicanalistas –, o geneticista cria um ambiente em que atuam duas frentes de distintas categorizações: positivamente, a grande quantidade de nomes revela o grau de erudição que o autor detém e colabora para a formação do arcabouço intelectual do leitor, ampliando seu conhecimento e visando à sua compreensão por meio de comparações complexas, mas didáticas, que partem de uma área – como, por exemplo, a matemática – para chegar na constituição de um conceito relacionado com os objetos e princípios da *Crítica genética*; negativamente, possibilita um desvio no foco temático, deslocando para um segundo plano o que se pressuporia como matéria principal de determinado capítulo, a ponto de se questionar a relevância de algumas informações manipuladas.

O texto traz, muitas vezes, uma escrita retórica com perguntas e respostas, auxiliando o leitor na condução das informações e facilitando sua compreensão. Todavia, por vezes o autor apenas propõe perguntas e não as responde, concebendo – talvez propositalmente – um atordoamento na lógica do texto e no esclarecimento de questões. Além disso, algumas explicações se dão por meio de analogias com elementos distantes entre si, mas possivelmente relacionáveis na visão de Willemart, como se vê no primeiro capítulo da primeira seção – “Os processos de criação nas ciências exatas” – em que o autor se vale de questões relacionadas às áreas da matemática, meteorologia e biologia, por exemplo, para explicar o que seriam os processos de criação nos manuscritos.

Ao abranger inúmeras áreas do saber, por meio da amplitude dos conteúdos, o livro é pretendido para um público vasto, desde críticos literários, psicanalistas, pedagogos, artistas e filólogos. Porém, a dificuldade proporcionada pela leitura e a irregularidade na disposição das tônicas trabalhadas requerem que esse público

tenha um grau de instrução capaz de acompanhar as reflexões concebidas por Willemart, para que logrem usufruir daquilo que o livro disponibiliza. Ressalta-se, enfim, a pluralidade do livro, que possibilita a construção de um vasto repertório informativo ao leitor e a abordagem de questões que, ainda que não aparentemente, se tangenciam.

## REFERÊNCIAS

PASSOS, Marie-Hélène Paret. *Da crítica genética à tradução literária: uma interdisciplinaridade*: (s.l.) Editora Horizonte, 2011.